Kauss, David. An Investigation of psychological states related to the psycho-emotional readying procedures of competitive athletes. *International Journal of Sport Psychology*, Roma, *9* (2): 134-45, 1978.

Ocorreu nos EUA, nos últimos anos, crescente preocupação com a importância da inter-relação de variáveis de personalidade e fatores psicológicos com o rendimento atlético.

O artigo ora resenhado constitui um estudo destinado a determinar a presença e mudança de certos estados psicológicos em jogadores de futebol americano.

A metodologia consistiu em submeter a questionários, antes e durante competições esportivas, atletas e treinadores de uma equipe de futebol da Universidade da Califórnia (Los Angeles).

Ao iniciar o trabalho, o autor comenta o progressivo aumento de interesse pela psicologia esportiva nos EUA e registra que esta pesquisa, embora se refira ao futebol americano, pode ser estendida a outros esportes. Comenta que, em contraste com seu país, mais atento a traços de personalidade, os psicólogos do leste europeu têm dado atenção aos problemas pré-competitivos e seus efeitos no rendimento esportivo.

A preocupação do autor foi estudar o que ele denomina *moblization readiness*, cuja melhor expressão, a nosso ver, em português, seria a *prontidão* ou ação rápida para competir. Por isto ele se propôs verificar o que jogadores e atletas pensam ser comum a um positivo *readying process* psicológico para todos os atletas, como também que fatores separam jogadores nas dimensões de habilidade, experiência, etc.

Por meio de questionários dos atletas, os estudos abordaram as seguintes áreas:

1. Excitação – o uso da tensão, ou da ativação, juntas ou separadas, ou em conjunção com o relaxamento. Permanecer *psyched up versus ficar calmo* foi pesquisado.
2. Ira – o uso da ira como excitante ou mantenedor da ativação em geral. Esta forma de *agressão instrumental* ou de uso de *ódio* para mobilizar a energia foi levada em conta.

3. Postura competitiva, ou seja, a tendência de o indivíduo concentrar-se em vencer seu oponente, pouco importando sua missão e posição, bem como a relativa eficiência em cada uma delas.
4. Envolvimento – este conceito significa concentrar-se, esquecer tudo, e só estar atento ao que se passa no jogo, misturando-se com o próprio jogo, tal como o artista *inspirado* mistura-se com seu veículo, o que conduz à elevada qualidade do produto.
5. Estrutura – extensão que cada jogador atribui ao escore, regras, e outras características de organização de jogo, e como cada enfoque afeta seu rendimento.
6. Energia – reação do jogador não só a conservar e despender energia, como também a sentir-se exaurido após competição extenuante.

As perguntas referiam-se à reflexão de cada jogador em relação a esses fatores psicológicos e como os usavam (comportamentos produzindo certas atitudes, etc.) para melhor rendimento.

Os questionários para os treinadores abordaram:

1. Preparação psicológica/emocional: cada jogador sabe preparar-se psicológica/emocionalmente?
2. Preparação física: cada jogador sabe preparar-se fisicamente?
3. Preparação cognitiva: capacidade do jogador saber concentrar-se nas tarefas recebidas, etc.
4. Prospecção profissional: classificar o jogador segundo suas adequadas oportunidades de ser futebolista bem-sucedido.
5. Comunicação: a literatura em psicologia social sugere que a comunicação intra-equipe constitui importante aspecto de boa atuação de um time. A percepção individual sobre esse assunto foi levada em conta na influência de avaliação pelo treinador.
6. Condições de elevada atuação: perguntou-se aos treinadores quais, dentre as diversas condições, produzem em cada jogador a excelência de rendimento (jogos em oposição aos treinos, quando estimulados ou acalmados, reforço pelo elogio, ou pela crítica; quando as coisas vão bem ou mal no jogo).

Os resultados desta investigação – tendência dos jogadores para reconhecer e utilizar esses estados psicológicos – são contrastados com uma análise dos traços de personalidade dos atletas.

Tanto as respostas dos treinadores como dos jogadores foram analisadas, levando-se em consideração as características de identificação de cada jogador em cinco dimensões: a) experiência; b) tempo de jogo; c) posição na equipe (ataque ou defesa); d) posição ocupada; e) aspiração pessoal do jogador profissional.

Os resultados demonstraram, entre os jogadores, a predominância, dos seguintes itens: a) dominar o oponente é a melhor sensação (96%); b) quanto mais

envolvido no jogo, melhor o rendimento (93%); c) conhecer as regras claramente ajuda a jogar melhor (85%); d) joga-se melhor quando se está concentrado em vencer o adversário ou em executar a ordem recebida (83%); e) o jogador (não o treinador) considera-se o responsável por sua atuação (76%); f) o atleta joga melhor quando relaxado (76%).

O consenso entre os treinadores foi mais baixo que entre os jogadores. Dos 82 jogadores avaliados pelos treinadores o resultado mostrou que: a) o atleta joga melhor depois de uma boa partida e não de uma má partida (59%); b) o jogador atua melhor após elogio e não após crítica (78%). Também deve-se acrescentar que seis dentre os nove treinadores julgam que o jogador é o responsável pela sua atuação, por estar ativado, preparado para o jogo (a percentagem é alta mas não tanto quanto as respostas dos atletas).

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA